

A AUTORREPRESENTAÇÃO DO SUJEITO SURDO NA AUTOBIOGRAFIA DA AUTORA SURDA SHIRLEY VILHALVA

SHIRLEY VILHALVA'S AUTORREPRESENTATION OF THE DEAF SUBJECT IN THE AUTOBIOGRAPHY OF THE AUTHOR

Marcio Jean Fialho de Sousa¹
Rosilene Aparecida Froes Santos²

RESUMO: O presente trabalho tem como tema a autobiografia da autora Surda Shirley Vilhalva, na obra literária *Despertar do silêncio* (2004). Tem por objetivo, analisar o personagem e suas relações com o meio social no desenrolar da obra, com o propósito de compreender o modo como a autorrepresentação do sujeito surdo na literatura se constitui como instrumento de inclusão e empoderamento no contexto social. O estudo da representatividade tem como alicerce a teoria da identidade proposta por Gladis Perlin (1998), por meio de suas pesquisas sobre as identidades surdas, e Michel Foucault (2009) sobre a escrita de si.

Palavras-Chave: Despertar do silêncio. Sujeito surdo. Representação. Shirley Vilhalva. Autobiografia.

ABSTRACT: The present paper has as subject the Shirley Vilhaça deaf author's autobiography with the book *Despertar do silêncio* (2004). The purpose of this paper is to analyze the character and its relations with the social environment around the book, and try to understand how the self-representation of the deaf subject. The study of representativeness is based on the theory of identity proposed by Gladis Perlin (1998) though her research on deaf identities, and Michel Foucault (2009) about writing by the self.

Keywords: Awakening. Deaf subject. Representation. Shirley Vilhalva. Autobiography.

Lamento Oculto de um Surdo

Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e você achou melhor uma escola de ouvinte.

Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar.

Quantas vezes eu levantei a mão para expor minhas ideias e você não viu.

Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava me influenciar com a história de que a Lei agora é essa... e que a Escola de Surdo não pode existir por estar no momento da "Inclusão".

Eu fiquei esperando mais uma vez... em meu pensamento...Ser Surdo de Direito é ser "ouvido"... é quando levanto a minha mão e você me permite mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades.

Se você, Ouvinte, me representa, leve os meus ensejos e as minhas solicitações como eu almejo e não que você pensa como deve ser.

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Também em estágio pelo PNPd-CAPES, UNIMONTES. E-mail: pavlovfialho@usp.br

² Professora Intérprete de Libras/Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. cursando a disciplina Isolada no Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários (UNIMONTES). E-mail: rosy.froes@yahoo.com.br

No meu direito de escolha, pulsa dentro de mim: Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser Surdo.
 Entenda somente isso! (SHIRLEY VILHALVA)

A obra literária *Despertar do silêncio* (2004), de Shirley Vilhalva, traz a história de vida da própria autora, evidenciando cronologicamente o desenvolvimento de sua identidade surda. A autora opta por escrever suas ações e sentimentos, uma vez que, segundo Foucault (2009), o ato da escrita proporciona a confissão ao leitor, sem constrangimentos provocados pela presença alheia.

A escrita de si mesmo aparece [...] claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um papel de companheiro. (FOUCAULT, 2009, p. 130).

Assim, a autora inicia sua obra revelando que nasceu em 1964 e, quando criança, foi diagnosticada com surdez neurosensorial severa bilateral, o que acarretou, nesse período de sua vida, momentos de angústia e tristeza. Vilhalva não compreendia seus familiares, seus amigos, não compreendia o mundo em que vivia, tinha pensamentos sobre os acontecimentos, porém não conseguia falar claramente na língua oral que todos utilizavam. As pessoas não conversavam com ela, quando conversavam, era pouco e utilizavam a apontação para ajudar no entendimento e, quando o contrário ocorria, quando ela queria falar, não a davam oportunidade ou importância, o que a angustiava cada vez mais.

Precisou adaptar-se ao seu meio, desenvolveu a leitura labial como estratégia de comunicação com sua família e amigos, porém nem sempre essa estratégia a amparava na recepção de informações. Apesar de comunicar-se através desse método, nesse período, Vilhalva não tinha descoberto a sua condição de não ouvir, até que um dia percebeu que

[...] era diferente das demais crianças, isso aconteceu durante uma brincadeira de pau-a-pique (se é que existe essa brincadeira). Todas crianças ficavam de um lado da outra e uma determinada pessoa gritava: “Já”, todos corriam e batiam em um local escolhido e voltavam correndo e para minha surpresa eu fiquei parada no mesmo lugar, levei um susto e pensei: – O que aconteceu? – Por que eles correram e por que eu fiquei? (VILHALVA, 2004, p.16.)

Nesse instante, começou a conscientizar-se de sua diferença quando observava outras pessoas conversando, percebendo que “quando uma pessoa fala ela abre e fecha a boca e a outra pessoa fica de boca fechada e quando essa acaba de falar a outra abre a

boca” (VILHALVA, 2004, p.17). Maravilhada e ao mesmo tempo intrigada, a autora questionou-se acerca de não saber o porquê de não acontecer o mesmo com ela.

Na escola não era fácil, apesar do apoio da família em explicar a situação e tentar ajudar, Vilhalva esforçava-se para entender a fala da professora e dos colegas lendo os lábios, expressões, mímicas e até intuindo o que falavam, porém se via mais perdida do que entendida. As interações eram constantes, mas em alguns momentos era perceptível a não aceitação por parte de alguns colegas, quando diziam que a surdez era uma doença contagiosa, ou quando a arrastavam pelos longos cabelos e a colocavam no final da fila, sem entender a situação. Isso, porém, só fazia com que o desejo de estar em uma escola onde as pessoas também fossem surdas apenas aumentasse. Isso ocorria na medida em que ela não se via reconhecida no grupo, ou seja, ela não tinha outros como ela em quem pudesse se espelhar e ou se identificar.

Foi a partir de experiências como essa a que passou Vilhalva que surgiu a preocupação com o termo *surdo*. De acordo com Dorziat, surdo,

[...] representa também uma tentativa de minimizar o processo de estigmatização dessas pessoas, [...] através do qual a audiência reduz o indivíduo ao atributo gerador do descrédito social. A expressão *surdo*, como vem sendo empregada, tem favorecido identificar a pessoa como diferente, sendo esta diferença particularizada por ser decisiva para o desempenho. (DORZIAT, 2002, p.2)

Nesse sentido, o sujeito surdo é caracterizado por uma diferença, e quando essa é tratada como deficiência, dá-se início o processo de reabilitação, onde o surdo utiliza, dentre outras estratégias, o aparelho auditivo como tentativa de voltar a normalidade.

Aos 12 anos, Vilhalva teve sua primeira experiência com aparelho auditivo, o que lhe proporcionou, diz ela, “uma descoberta incrível apesar do susto, pois eu nunca tinha ouvido os sons baixos, comecei a ouvir o vento, a chuva, os passos das pessoas..., barulhos, ruídos existentes, antes desconhecidos” (VILHALVA, 2004, p.27). Após 15 dias, optou por não o usar mais, por diversos motivos, dentre eles o incômodo que o aparelho proporcionava e os deboches e brincadeiras ofensivas que sofria. Passados oito anos, voltou a usar o aparelho, nessa fase, recebeu apoio e acompanhamento no processo de adaptação.

Ao iniciar o curso de magistério, reviveu o sonho que era estar em uma escola onde os alunos fossem surdos, e agora sentia, também, que sua vocação era ser professora de surdos. Na sua formação, contou com o apoio dos colegas nos momentos de dificuldade, não se esquecendo jamais do seu padrasto, que teve um papel extremamente

importante na aprendizagem da leitura e da escrita. Continuou sua progressão nos estudos de forma persistente, contando com o apoio e credibilidade da família, mesmo sabendo dos comentários que outras pessoas faziam, não acreditando em sua capacidade. Nesse período, deu-se início um novo ciclo na vida da autora, a aquisição da Língua de Sinais, língua essa que a possibilitou o acesso a conceitos e conhecimentos necessários ao convívio com o outro, bem como promoveu a comunicação efetiva, fazendo com que a mesma se sentisse parte do mundo verdadeiramente, sentimento antes não conhecido.

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, tudo ficou melhor quando eu descobri e tive a compreensão do que meu padrasto havia me ensinado sobre encontrar um mundo melhor. (VILHALVA, 2004, p.37.)

Essa experiência com a comunidade é de vital importância para o processo de autoconhecimento e construção da identidade de todo sujeito. O sujeito se constitui no relacionamento com o outro, no exercício de alteridade. Mikhail Bakhtin (2006) contribui de modo particular com essa reflexão. Segundo ele, o homem tem uma necessidade do outro que, no contexto da solidão, pode se fazer por meio da escrita que, por si, pressupõe um leitor em potencial exercendo o papel da alteridade.

Há acontecimentos que, em essência, não podem desenvolver-se no plano de uma só e única consciência mas pressupõem *duas* consciências imiscíveis, acontecimentos que têm como componente essa relação de *uma* consciência com *outra* consciência precisamente como outra – e assim são todos os acontecimentos criativamente produtivos, que veiculam o novo, são únicos e irreversíveis. (BAKHTIN, 2006, p.79)

A autobiografia de Vilhalva evidencia acontecimentos particulares, que de forma similar são vividos também por outras pessoas surdas, no decorrer da sua história.

Assim como muitos surdos, ela prestou o vestibular por várias vezes, porém, devido a dificuldade linguística existente em relação à língua portuguesa, não conseguia aprovação, até que conseguiu ser aprovada no curso de pedagogia, começando, em seguida, a trabalhar em uma escola de surdos. No ambiente acadêmico, teve várias dificuldades em relação a interação com colegas e professores, merecendo destaque duas professoras que fizeram da sua estada naquele lugar mais leve, estimulando a sua participação nas atividades e o seu desenvolvimento.

Conseguiu bolsa de estudo para garantir sua permanência na graduação e em contrapartida desenvolveu projetos para o ensino da Língua de Sinais e sua divulgação. Naquele período de faculdade, ela viajava muito em busca de melhoria para a comunidade surda, tanto social como educacional, evidenciando, assim, seu empenho na luta pelo fortalecimento da comunidade surda bem como o reconhecimento da Língua de Sinais.

Após terminar com êxito a graduação, foi lhe oportunizado apreciar uma nova realidade. Ao conhecer uma aldeia indígena, soube da existência de um indígena surdo, sendo este um momento ímpar em sua vida, pois, nesse momento, pode compreender a história dos índios trazida nos livros didáticos no seu período de escolarização e ainda perceber a semelhança entre a Língua de Sinais e a língua indígena, semelhança no que diz respeito a ambas serem vistas como minoria linguística frente à Língua Portuguesa. Nesse período, em meio a desenvolvimento de projetos e eventos objetivando o fortalecimento da comunidade surda e disseminação da Língua de Sinais no Mato Grosso, Vilhalva descobriu-se grávida, mesmo não sabendo muito bem por onde começar:

Aceitei a nova situação, apenas fiquei preocupada, pois não tinha agendado nada de ter um bebê, como eu tinha uma agenda lotada por mais um ano, incluindo viagens no interior e outros Estados, pensei como faria para incluir um bebê no meio de tudo isso. (VILHALVA, 2004, p.48).

Mais um acontecimento em sua vida que favoreceu a sua luta pela comunidade surda, além de conseguir um espaço para a intérprete de língua de sinais no decorrer do parto, usou esse fato para conscientizar os surdos sobre como ocorre o parto cesáreo e a importância da acessibilidade linguística nesse momento.

Fizemos uma fita com objetivo de mostrar para a comunidade surda mostrando o que ocorreria na hora do parto, como o bebê nascia pelo parto cesariano e o que acontecia logo após do nascimento tudo em imagens e quando podia em língua de sinais, pois a Arlete que estava filmando, houve momentos que ela precisava perguntar algo para mim em língua de sinais outro médico continuava filmando. Assim a gravidez foi incluída para beneficiar e conquistar espaço para a comunidade surda, principalmente para as jovens futuras mães surdas terem intérprete no momento do parto. (VILHALVA, 2004, p.48-49).

Deu-se início uma nova fase de sua vida, surda, mãe de ouvinte, novas significações e adaptações foram surgindo, como acompanhar a filha, sabendo se esta, por exemplo, chorava. Foi então que ganhou um alarme de choro com luz, aparelho tecnológico criado para auxiliar mães surdas, informando sobre o choro da criança através da emissão de luz, e lançando ainda mão de várias estratégias tecnológicas. Como

intérprete de Língua de Sinais, Vilhalva recebeu apoio da família para criar sua filha, e, com o passar do tempo, ambas desenvolveram uma comunicação e uma relação forte de mãe e amiga.

Anos após, seu sonho de ser professora de surdos mantinha-se vivo, porém várias barreiras ainda se punham em seu caminho, a comunidade ouvinte não percebia a importância do ensino para surdos com professor surdo. Porém, vencendo barreiras externas e internas, ou seja, reconhecendo a sua necessidade de fazer uso da Língua de Sinais e desenvolvendo sua identidade surda, iniciou trabalho voluntário no *Centro de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação – CEADA*. Logo após, foi convocada pelo Estado para atuar como palestrante, relatando suas experiências em congressos e eventos, também assessorando algumas cidades do estado do Mato Grosso sobre a Educação dos Surdos. Teve a oportunidade de representar a comunidade surda como diretora em escola pública, em nível estadual e nacional, onde, em sua gestão, apresentou

[...] projetos que beneficiavam o surdo no Ensino Regular com apoio de Intérprete. O intérprete passou a ser presente nas reuniões onde eu era convidada nos grandes eventos, desde reuniões com governador, ministros, prefeitos e demais autoridades, senti que minha presença e minha necessidade da Língua de Sinais estava conquistando um espaço com muito respeito pela autoridade local. (VILHALVA, 2004, p.60.)

Assim, sua trajetória foi marcada por representar a comunidade surda e lutar por seus direitos em várias instâncias, marcando um novo caminhar na história dos surdos. Cumprindo a missão recebida, de apoiar e lutar pelo desenvolvimento da comunidade surda, Vilhalva foi convidada e participou da cerimônia de conclusão do Projeto “O Mestre que Marcou a Minha Vida”, em 31 de outubro de 2000, onde recebeu medalha por ter mudado o rumo da história por meio dos serviços prestados à Educação Especial, sendo a responsável pela introdução da língua de Sinais no contexto educacional no Mato Grosso do Sul, desenvolvendo projetos de comunicação com

[...] a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, língua que garante além da comunicação o conforto linguístico, tornando se assim uma língua natural e forma de expressão da pessoa surda, envolvendo ações, ideias e sentimentos. (VILHALVA, 2004, p.65).

Shirley Vilhalva finda sua obra com o desejo de continuar desenvolvendo projetos para a melhoria da comunidade de surdos e seus familiares, uma vez que, segundo ela, muitas coisas ainda precisavam ser feitas para o aprimoramento da educação e desenvolvimento sociocultural dos surdos nas demais regiões brasileiras.

Diante do exposto, percebe-se que a escrita das vivências por parte da autora revela as especificidades do sujeito surdo, suas barreiras e suas conquistas. Trazendo à tona a cultura surda e a necessidade da família e da sociedade adentrar no assunto, com as experiências relatadas evidenciando que o grande dificultador para o desenvolvimento do sujeito surdo é a ausência da sua língua materna, a Língua de Sinais, acarretando o atraso na recepção de informações. Como relatado na obra, a autora vivenciou momentos difíceis até adquirir a Libras. Após esse fato, sua vida começou a ter significado, sendo possível desenvolver autonomia e se tornando uma representante da comunidade surda. Assim, a autobiografia de Vilhalva é de grande relevância para a comunidade surda por evidenciar as dificuldades, as barreiras e as limitações pelas quais passam os surdos não usuários da Libras, além de servir como exemplo de superação e determinação para o povo surdo, proporcionando à comunidade ouvinte uma olhar diferenciado sobre as potencialidades do sujeito surdo.

A personagem e suas Identidades

A escrita autobiográfica ganhou destaque histórico com as *Confissões*, de Santo Agostinho, e suas reflexões sobre a escrita na primeira pessoa. Conforme Matthews:

Seu estilo confessional de escrever, incluindo suas reflexões sobre sua própria vida interior, impressiona-nos hoje por seu perfil notavelmente moderno. Como já sublinhei, suas *Confissões* são a primeira autobiografia significativa da literatura ocidental. (MATTHEWS, 2007).

Dessa tradição agostiniana provém toda a cultura da escrita de si no ocidente e dela muitos traços podem claramente ser analisados no conjunto das obras autobiográficas, a saber, exemplificadamente, a reflexão sobre a própria vida em detrimento de um simples autoflagelamento e/ou sentimento de fracasso e derrota.

De acordo com Leonel e Segatto (2013), a escrita de pensamentos por meio da autobiografia mostra-se relacionada à ficção, podendo distinguir dois tipos, a convencional, na qual o autor relata sua própria vida de forma fiel ou não; e a de ficção, onde os personagens são construídos.

Ainda de acordo com esses autores,

Na autobiografia, todas as experiências provêm do que foi “plenamente vivido”. Considera-se, portanto, que, a diferença entre a autobiografia convencional ou de ficção está, especialmente, entre o autor viver e experimentar o que relata. (LEONEL. SEGATTO, 2013).

Ao escrever uma autobiografia convencional, a autora Shirley Vilhalva se despe, mostrando sua trajetória de vida marcada por lutas e dificuldades, ao mesmo tempo em que abre vertentes para que outros sujeitos surdos se engajem militantemente na luta pela disseminação da Língua de Sinais e pelo fortalecimento da comunidade surda. A escrita de si, evidenciada na obra, traz, em sua essência, características autobiográficas e é fortemente marcada pelas memórias da autora,

[...] que buscam retratar a reestruturação de acontecimentos relacionados à vida do memorialista, demonstrando aspectos inerentes ao contexto em que as ações foram vividas e contadas, por isso o “flagrante social”, além de ter como objetivo prestar um serviço aos leitores vindouros (SOUSA, 2016, p. 53).

Na obra, a narradora protagonista traz em si a visão particular de mundo, onde a surdez a caracteriza fortemente e há a constante necessidade de criar estratégias que favoreçam suas ações, lutas e vitórias frente à sociedade majoritariamente ouvinte e descabida de conhecimento inerente ao Ser Surdo, termo este impregnado de significados, como o conceito trazido por McCleary,

É por isso que dizer que você tem orgulho de ser surdo é um ato político. É porque você começa a balançar o mundo do ouvinte. Ele começa a ter menos controle sobre você. E quando isso acontece, começa a abrir espaços para a mudança. Também, ter orgulho de ser surdo é um ato de afirmação pessoal. É um ato de autoestima. (MCCLEARY, 2003)

A personagem da obra em evidência deixa clara sua condição de surda a todo instante, quando criança sente a necessidade de comunicar com o outro, de se relacionar socialmente e, para tanto, cria estratégias como leitura labial e apontação. Já na fase adulta, a autora relata que, ao assumir a Identidade Surda, faz da surdez um instrumento para mobilização social, disseminando a Língua de Sinais e as especificidades da comunidade surda à sociedade, com o intuito de promover a acessibilidade linguística e, conseqüentemente, a ascensão social do Povo Surdo, termo que designa o

Conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usam a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado (STRÖBEL, 2006, p.6).

Os surdos, em sua maioria, partem de um contexto de imersão na primeira língua, a Língua de Sinais, para aprenderem a segunda língua, no caso dos surdos brasileiros, a

Língua Portuguesa. Porém, devido a falta de referência sonora, esse processo se torna penoso, acarretando assim marcas de desvios na escrita. Segundo Ribeiro, os

Surdos apresentam uma forma específica de registro linguístico do português e trazem para o processo de escrita marcas peculiares, advindos tanto da sua língua sinalizada, quanto do seu padrão correspondente de processamento linguístico-cognitivo. (RIBEIRO, 2006, p. 84).

Levando em conta essas marcas, o livro *Despertar do silêncio* (2004), escrito por uma professora surda parcial, traz em sua essência a originalidade da escrita da mesma, tendo em vista sua particularidade linguística, que devido a sua perda auditiva trouxe-lhe um comprometimento da Língua Portuguesa - característica essa presente na escrita da maioria dos surdos. Assim, essa escrita se torna um instrumento de representação identitária do povo surdo, uma vez que, segundo Lopes:

[...] a representação concentra-se em sua expressão material como 'significante': um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. (...) as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação. (LOPES, 2000, p. 97)

Em *Despertar do silêncio*, a narradora é agente da sua própria história, uma vez que Shirley Vilhalva passa de objeto a sujeito da sua narrativa, a personagem narradora descreve seu percurso atrelando suas vivências aos fatos e acontecimentos relacionados à comunidade surda, enfocando as dificuldades e barreiras linguísticas.

No transcorrer da obra a autora relata acontecimentos e fatos que evidenciam sua passagem por várias identidades, até se consolidar na Identidade Surda. Perlin traz em seus estudos a ideia que a surdez ultrapassa a visão clínica, de habilidade sensorial. Essa pesquisadora surda defende que

As diferentes identidades Surdas são bastante complexas, diversificadas. Isto pode ser constatado nesta divisão por identidades onde se tem ocasião para identificar outras muitas identidades Surdas, ex: Surdos filhos de pais Surdos; Surdos que não tem nenhum contato com Surdo, Surdos que nasceram na cidade, ou que tiveram contato com Língua de Sinais desde a infância etc. Como dissemos, a identidade Surda não é estável, está em contínua mudança. Os Surdos não podem ser um grupo de identidade homogênea. Há que se respeitarem as diferentes identidades (PERLIN, 2003, p.15).

Assim, a narradora personagem inicia sua obra recordando o local onde morava, nos fundos de um armazém. Na ocasião, é perceptível que apesar de viver rodeada pela família, ter contato rotineiramente com seus pais e demais familiares, sentia falta de uma comunicação efetiva, de entender o que realmente se passava, o que conversavam.

Vilhalva entendia que lhe faltava informações tão simples, como saber o nome de seus pais, o significado daquelas duas cruzeiras no quintal, local que marcava onde seus dois irmãos recém-nascidos estavam enterrados, informações que todos recebiam sem nenhum esforço, a não ser pelo fato de ouvir.

Embasados na categorização identitária proposta por Perlin, essa fase da vida da autora é marcada pela Identidade Surda Flutuante, onde os surdos “não escapam à ideologia ouvintista [...] são forçados a viverem a situação como que conformados a ela” (PERLIN, 1998, p.15). Na maioria dos casos, não se comunicam nem pela Língua de Sinais nem pela oralização, ficando imersos em uma situação de não recepção de informações, nem pelos ouvintes nem pelos surdos.

Aos doze anos, se inicia uma nova fase na vida da autora, recomendado por um representante que fora à sua casa, Vilhalva começa a usar o aparelho auditivo que lhe proporcionou além, do susto inicial, ouvir alguns barulhos até então desconhecidos. Mas, logo em seguida, este lhe foi retirado devido ao incômodo provocado pelos barulhos ouvidos. Ademais, outro fato marcante que auxiliou no desprezo para com o aparelho foi a vergonha que sentia no momento em que as pessoas debochavam e faziam brincadeiras ofensivas ao lhe ver. Nesse momento, percebe-se a presença da Identidade Surda Incompleta, onde os “surdos tentam experienciar a surdez a partir do referencial ouvintista, uma vez que essa cultura dominante, por exemplo, ridiculariza certos aspectos da identidade surda ou desencoraja os encontros da comunidade surda” (PERLIN, 1998, p. 15).

Passados mais alguns anos, a autora se depara com uma nova realidade, com uma nova língua, apesar de viver sempre com sua família, se comunicando através da leitura labial, gestos e apontações, sentindo a necessidade de uma comunicação mais efetiva. Foi então que conheceu a comunicação visuo-espacial na comunidade surda, aprendendo a Língua de Sinais e “favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive” (VILHALVA, 2004, p.48). Com a presença da Língua de Sinais em sua vida, autora se viu ancorada na Identidade Surda de Transição, onde ela, filha de pais ouvintes, contraria o paradigma imposto pelos ouvintes em relação à surdez, e, embasada na visão de Perlin, se identifica com características de surdos, trazendo consigo, também, resquícios dos ouvintes.

Na vida adulta, a autora recorda as viagens, participações em eventos e em congressos, as parcerias firmadas com instituições na luta pela disseminação da Língua de Sinais e o reconhecimento da comunidade surda, retratando como utilizou um fato tão

particular em sua vida, o parto da sua filha, para mostrar à comunidade surda as informações cotidianas, que, por falta de acesso linguístico, não as tem, evidenciando ainda a importância e o direito a artefatos para a garantia da qualidade de vida dos surdos como o intérprete de Língua de Sinais, aparelhos tecnológicos, dentre outros. Sua participação com afinco nas lutas e conquistas do povo surdo evidencia fortemente a sua Identidade Surda, identidade essa que

[...] é reconhecível nos surdos que adotam as formas visuais de experienciar o mundo, nas suas diversas manifestações. O trocar dessas experiências é uma característica importante na construção dessa identidade (valoriza-se o momento de encontro entre os surdos); (QUADROS e PERLIN, 2007, p.58).

Assim, a autobiografia se encerra evidenciando a experiência de “Ser Surda” através de registros e testemunhos de vida, potencializando a luta e militância em favor da comunidade surda real.

Algumas Considerações Finais

A reflexão travada aqui sobre a representação da personagem surda, a partir da autobiografia da autora surda Shirley Vilhalva, na obra *Despertar do silêncio*, traz à tona a importância da literatura no processo de fortalecimento das identidades surdas e da comunidade surda.

A obra analisada torna-se relevante por mostrar aos surdos a importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento da sua autonomia, favorecendo, assim, que leitores surdos busquem se autorrepresentar na sociedade, já que tiveram sua própria voz por muito tempo silenciada em um mundo composto, em sua maioria, por ouvintes.

A autorrepresentação da autora evidencia sua descoberta do “Ser Surda”, sua adaptação comunicacional no contexto social, sua descoberta de identidade e sua militância em favor da inclusão e empoderamento do Surdo. Ao construir uma personagem a partir dessas evidências, a autora utiliza a literatura para elucidar a resistência do sujeito surdo frente a uma sociedade que ignora as especificidades linguísticas e culturais inerentes ao povo surdo, além de utilizar da literatura para sua autoafirmação e constituição da sua identidade.

Assim, a personagem da obra analisada torna-se instrumento de disseminação dos aspectos relacionados à cultura surda, objetivando promover reflexões de surdos e ouvintes sobre a legitimação da língua de sinais e da identidade surda, gerando modificações no contexto social que favorecem o empoderamento do sujeito surdo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DORZIAT, Ana. *Deficiente Auditivo e Surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos*. http://www.geocities.com/flordepessegueiro/html/surdez/deficiente_auditivo_e_surdo.htm. acessado em 28/07/2002
- FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2009.
- LEONEL M. C. e SEGATTO J. A. *Considerações sobre Autobiografia*. In: LEONEL M. C e GOOBI M. V. Z. *Estudos Literários: Modalidades da Narrativa*. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2013.
- LOPES, Maura Corcini, “A natureza educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos” In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs). *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.
- MATTHEWS, Gareth B., 1929- *Santo Agostinho: a vida e as idéias de um filósofo adiante de seu tempo* / tradução, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MCCLEARY, Leland. (2003) “O orgulho de ser surdo”. In: *Encontro Paulista entre Intérpretes e Surdos*. 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP. Faculdade Sant’Anna.
- PERLIN, Gladis. In: QUADROS, Ronice (org.). *Estudos Surdos II Petrópolis*, RJ: Arara Azul, 2007.
- _____. *Educação Bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFSC, 2003.
- _____. *Identidades surdas*. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- RIBEIRO, M.C.A. *Surdos: linguagem, discurso e educação*. Montes Claros: Unimontes, 2006.
- SOUSA, Marcio Jean Fialho de. “Os gêneros autobiográficos”. In: SOUSA, Marcio Jean Fialho de. *A mimese da escrita intimista nas narrativas de Eça de Queirós*. Alemanha: NEA, 2016.
- STRÖBEL. K. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2006.
- VILHALVA, Shirley. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.

Artigo recebido em: 10/08/18

Artigo aceito em: 20/09/18